

O rei do pop e as nuances da pós-modernidade trágica

The king of pop and the nuances of tragic postmodernity

Nayana M. Moraes*

Este artigo mostra a relação das celebridades com os aspectos trágicos de suas vidas e o envolvimento dos fãs a partir da catarse. Todos estes termos imbricados dialogarão com um dos gêneros literários mais antigos: a tragédia grega. Esta permeará um entendimento acerca da forma com que nós, espectadores, analisamos alguns famosos, bem como sua influência na indústria do entretenimento. Neste contexto, alguns deles não conseguem adquirir um equilíbrio entre a fama e sua vida pessoal, que cai diante de sua *hybris* (desequilíbrio interno). E um destes artistas, considerado o mito da música e do entretenimento, compreenderá esta discussão: Michael Jackson. O filósofo grego Aristóteles discutiu e revigorou a importância e verossimilhança desta literatura no ser humano. Veremos, entretanto, que mesmo com estes conflitos, o mito permanece.

This article shows the relationship of celebrities with the tragic aspects of their lives and involvement of the fans from the catharsis point of view. All these imbricate terms will dialogue with one of the eldest literary genres: the Greek tragedy. This permeates an understanding of the way that we, spectators, analyzed some famous people, as well as its influence in the entertainment industry. In this context, some of them fail to get a balance between fame and its personal life, falling before its hubris (internal imbalance). And one of these artists, considered the myth of music and entertainment, will be included in this discussion: Michael Jackson. The Greek philosopher Aristotle argued and invigorated the likelihood and importance of this literature in humans. We will see, however, that even with these conflicts, the myth remains.

Palavras-chave: Tragédia. Celebridade. Pós-moderno. Herói e Mito.

Key words: Tragedy. Celebrity. Post-Modern. Hero and Myth.

Introdução

Os alicerces que sustentam a cultura de massa como a TV, a Internet e o cinema, estão num contexto pós-moderno, ligados incessantemente pelo “popular”. As pessoas passam a escolher, numa unicidade coletiva, o que fará parte de um conceito mimético. As tendências, como a Moda e a beleza, passam a ser seguidos por este *coletivo*. Há no mundo contemporâneo a perda do individualismo e a busca constante por um ideal.

*Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, FAFIMA, e atua como professora de Língua Portuguesa no município de Macaé

Esses simulacros engendram nas pessoas a ideia de transformação. Jameson argumenta que esse conceito é desenhado

(...) por um mundo transformado em mera imagem de si próprio, por pseudo- eventos e por espetáculos. É para esses objetos que devemos reservar a concepção de Platão do “simulacro”, a cópia idêntica de algo cujo original jamais existiu (2006, p. 45).

A mídia, com seu poder imagético, cria personagens reais que possam ser reverenciados pelo espectador. E eis que surgem as celebridades; pessoas que despertam no público uma fascinação e idealização de valores. Porém, algumas delas não conseguem sustentar por muito tempo este discurso da “perfeição” e caem diante das cenas de suas vidas.

Essa cultura de massa segundo Teixeira Coelho está ligado aos interesses de mercado. A chamada celebridade seria um arquétipo, uma “ferramenta” utilizada pela cultura pós-moderna. Não obstante suas nuances demonstram a tragicidade do ser humano envolto por uma teia global e a valorização da imagem.

Se é preciso esboçar uma etiologia da expressão, deve-se observar que o termo mais usual e conhecido com o qual a palavra “pós-moderno” guarda grande proximidade, na forma e no conteúdo, é “pós-industrial.” (...) Diz-se por exemplo que a pós-modernidade é, toda ela, uma grande operação mercantil, que interessa ao *marchands* e aos meios de comunicação de massa (...) (COELHO, 1986, p. 58).

Lady Di, conhecida por sua bondade humanitária, tentou no casamento, sustentar a ideia de que vivia como princesa, só que isto não perdurou muito tempo. Pois logo veio o choque midiático, revelando que seu marido, o príncipe Charles, a havia traído. Ainda sem nunca ter tido um bom relacionamento com a rainha Elizabeth, Diana separa-se de Charles, pondo fim ao conto de fadas. Mesmo após o divórcio eram constantes os cliques dos *paparazzi*, principalmente, quando estava acompanhada dos filhos. Veio, então, o dia 31 de agosto de 1997, que o mundo considerou como trágico: A morte de Diana, num acidente de carro.

Por alguma razão, há o interesse do espectador pelo vínculo da celebridade com o trágico. Algumas delas, no cerne de sua existência, são dilaceradas pela *hybris* e consequentemente isso as leva ao fim dos heróis gregos. A partir da construção do mito, algumas destas personalidades são mais famosas devido a sua morte, mais do que seriam se estivessem vivas. Segundo pesquisa da revista *Forbes*, a morte não é o início da queda de determinados famosos, mas o indício de ascensão ainda maior.

As circunstâncias da morte certamente são relevantes neste aspecto. Mortes trágicas de jovens como a Princesa Diana, Kurt Cobain e James Dean contribuem tanto para chocar a opinião pública como movê-la a comprar artigos que façam referências a estas celebridades. E muitos outros fatores, como o tipo de atividade que a pessoa desempenhava (PAIVA, 2002)¹.

De acordo com o ranking elaborado pela revista, Elvis Presley é o artista, pós-morte, mais rentável dos últimos tempos. E a história trágica de Elvis sempre será lembrada. No auge da fama e assediado pelo público, Elvis sofria de uma completa solidão, tomando comprimidos fortes para depressão. Se há alguém que ingeriu mais remédios que Elvis este é Michael Jackson, que não livrou-se dos fantasmas do passado. Os reis conduzidos à tragédia. Alguns artistas, no âmbito trágico, possuem uma relação paradoxal entre a fama e a solidão. Quando o telespectador-fã assiste ao fatídico fim de seus heróis, este reconhece seu efeito catártico.

Nem os espectadores serão purificados das paixões cuja desmedida as personagens trágicas expiam com a própria destruição, nem se tornarão melhores ao aumentarem sua filantropia ou ao se verem livres de um excesso de emoções (LESKY, 1976, p. 22).

O conceito de “morte” na tragédia grega revigora que o herói não é dono de si mesmo, mas está sujeito aos desvarios e à crueldade do destino; a *hybris* tomaria, por completo, toda sua existência. A *hybris* das celebridades como Elvis, Kurt Cobain e Cássia Eller acabaram por destruir suas vidas e as dicotomias dos heróis como *ethos/daimon* evidenciam-se neste envolvimento mítico.

O jogo midiático e o conseqüente drama real das celebridades são transformados em um longa-metragem à espera do ato final, enquanto o espectador assiste ao espetáculo. E não houve espetáculo maior que a vida de Michael Jackson: o *thriller* pós-moderno. No teatro grego, o mito é a essência da obra, visto que é transcendental, e a celebridade é a essência do mito contemporâneo, o simulacro dos heróis, superior a qualquer mortal, por ter muito mais que 15 minutos de fama. Assim como Édipo que não suportou a verdade e cometeu, o que Aristóteles denomina como *ação trágica*, Kurt Cobain, não sustentou sua vida perante seus olhos e cometeu, a ação trágica, de suicidar-se.

Outro requisito, com respeito a tudo aquilo a que devemos atribuir, na arte ou na vida, o grau do trágico, é o que designamos por possibilidade de relação com o nosso próprio mundo.

¹ PAIVA, Flávio. Mortos rendem lucro. *Coletiva.net*. Disponível em: <http://www.coletiva.net/site/coluna_detalle.php?idColuna=356>. Acesso em: out. 2009.

O caso deve interessar-nos, afetar-nos, comover-nos. Somente quando temos a sensação do *Nostra res agitur*, quando nos sentimos atingidos nas profundas camadas de nosso ser, é que experimentamos o trágico (LESKY, 1976, p. 26).

Toda vida contém o drama. Porém, interiormente, alguns a transformam em uma catástrofe a ponto de não suportá-la mais. Não há para estas celebridades o *happy end* dos contos de fadas. Mais do que o desequilíbrio, a depressão, as drogas e a morte, algumas delas serão para sempre lembradas, independente da época, pelo talento, pelo estilo, pela bondade e pela influência sobre milhões de fãs. O mito será eterno.

O rei das tragédias: o mundo perde Michael Jackson

Ser adulto quando se é criança e tornar-se criança quando adulto, certamente é uma dicotomia semelhante à dos heróis gregos. Mas não para quem viria a ser considerado o inventor do videoclipe e da música *pop*.

No dia 29 de agosto de 1958, Katherine Jackson dá à luz seu quinto filho. Já aos cinco anos de idade, Michael Joseph Jackson era percebido por todos da família como o menino prodígio. Ao lado dos quatro irmãos, o “pequeno Michael” liderou o grupo intitulado de Jackson 5. Os mesmos, fizeram, em pouco tempo, um enorme sucesso. *I want you back*, primeira música, chegou ao número 1 das mais tocadas. Entretanto, era inevitável o destaque do menino (com 11 anos) de voz doce e suingue diferenciado. *ABC, I'll be there*, dentre outros, colocaram o grupo no patamar de grandes nomes.

À medida que os meninos cresciam e adquiriam autonomia, saíam de casa, construindo sua vida longe dos pais. Mas para Michael Jackson, já adolescente, isto não aconteceu. Para Michael, ele havia perdido algo de muito importante na sua infância e precisava da proteção da família: precisava conquistar o pai. Este último, sempre destratava-o, rindo de seu nariz grosso e de suas espinhas. Joe Jackson costumava, durante os ensaios dos filhos, segurar o cinto e se por um acaso, viessem a vacilar seriam chicoteados. Depois de já ser conhecido como o rei do *pop*, ele disse em várias entrevistas que seu pai lhe batia até de ferro.

Durante a minha adolescência, o meu pai e os meus primos gozavam muito de mim por causa do excesso de acne que tinha e sobretudo por causa do meu nariz. Como se não bastasse, tinha que subir para o palco e expor-me perante milhares de pessoas. Era horrível (JACKSON)².

²Entrevista do rei do pop ao documentário *Living with Michael Jackson*.

Michael Jackson, então cresceu, mas sem nunca ter amadurecido e superado seu passado. Conciliando a carreira solo com os Jackson 5, este permanecia no ápice da música. Todavia, o mito estava por vir.

O thriller do herói

Já no início da década de 80 eram perceptíveis as transformações do cantor, com o nariz fino e cabelos mais soltos. Na medida que seu sucesso aumentava, os seus conflitos internos o acompanhavam.

Ao lado de Quincy Jones, Michael Jackson superou todas as expectativas, lançando em 1983 o álbum *Thriller*, até hoje o mais vendido da história musical. Nascia o rei do *pop*.



Figura 1 - Cena do clipe *Thriller*, 1983³

Foi fantástica a criação de uma década ditada pelo ser humano frágil, mas de talento sobrenatural. Seu estilo de calças pretas, meias brancas e luva em apenas uma das mãos tornara-se sua marca registrada. E mais estava por vir: *o moonwalk*. Durante apresentação da música “Billie Jean”, outro marco na sua carreira, ele deslizava, dando a sensação de estar flutuando. O público foi ao delírio, caracterizando a influência de Michael.

³Imagem do clipe *Thriller*, de 1983. Disponível em: <<http://www.colandopixel.com/wp-content/uploads/2009/06/thriller.jpg>> Acesso em: set. 2009.

Junto a Lionel Ritchie, o rei do *pop*, escreveu *We are the World*, convocando vários artistas em prol da fome na África. Os fãs reverenciavam sua superioridade, por perder o individualismo e ajudar quem precisa.

Foi então que ele entrou no patamar exclusivo de Sinatra, Elvis e os Beatles: grupos ou personalidades transcendentais que mudam a forma com que nós – ou pelo menos os jovens entre nós – nos vestimos, atuamos e pensamos. É possível utilizar um clichê que, de qualquer forma, é adequado e verdadeiro: ele foi um fenômeno cultural (MATOS, 2009, p. 14).

Após o auge, viria a queda. A *hybris* o levaria a maior das tragédias de celebridades. Depois de alguns sucessos como *Bad*, *Dangerous* e *Black or White*, o cantor já não era o mesmo. Gastando seu dinheiro de forma descontrolada, principalmente em *Neverland* (Terra do Nunca), via-se um homem deteriorado pelo passado e por nunca ter conseguido livrar-se dos vestígios da infância, o que resultou no seu desequilíbrio interno (*hybris*). Na verdade, a acumulação de fatos formou o ser Michael Jackson. É como se ele fosse tão superior a qualquer pessoa, que teria de passar por tudo isso, para comprovar o mito. O protagonista ofereceu-se ao próprio sacrifício, ao desconfigurar sua imagem à procura da aceitação. Abandonou a máscara negra de sua cor, uma tentativa de fuga da realidade, para tornar-se branco: a transformação e o ato sacrificial das tragédias gregas.

Antes de mais nada, remonta àquela fase primitiva um requisito que a tragédia grega jamais abandonou, como também a comédia: a máscara. Seu emprego nas culturas primitivas é múltiplo: a mais frequente é a máscara protetora, que deve subtrair o homem aos poderes hostis, e a máscara mágica, que transfere ao portador a força e as propriedades dos demônios por ela representados (LESKY, 1976, p. 48).

Já em meados dos anos 90, a imprensa começava a comentar mais os transtornos e polêmicas do herói, mais que sua carreira musical, que teoricamente havia acabado. Sua relação estranha com crianças foi abordada constantemente e foi, inclusive, parar na justiça, por uma série de denúncias de abuso sexual. Se é verdade ou não, até hoje não se sabe. Ele causou ainda mais polêmica ao falar que dormia na mesma cama que crianças.

Claro que sim dormiria na mesma cama com uma criança. Por que não? Se fosse um pedófilo, Jack, o Estripador, um assassino, essa não seria uma boa idéia. Mas eu não sou nada disso (JACKSON)⁴.

⁴Entrevista do Rei do pop ao documentário *Living with Michael Jackson*.

Michael Jackson não era mais tão idolatrado por sua música, mas visto pelo público como um ser digno de compaixão, suscitando a catarse. Os meios de comunicação começavam a seguir os principais passos do artista com seus filhos, sempre mascarados; e sua impactante mudança. Este *thriller* o levou a mais um âmbito da tragédia: *a altura da queda*. Chegava o momento do ato final.

E em lugar da alta categoria social dos heróis trágicos, coloca-se agora outro requisito, que eu poderia configurar como considerável altura da queda: o que temos de sentir como trágico deve significar a queda de um mundo ilusório de segurança e felicidade para o abismo da desgraça iniludível (LESKY, 1976, p. 26).

Morre o homem. Nasce o mito.

Na indústria do entretenimento, Michael Jackson, foi alvo de notícias calorosas acerca do seu estado de saúde. Ao deixar o seu terceiro filho, na época bebê, quase cair da sacada de um hotel, revigoraram-se esses questionamentos. Como estava o rei do *pop*? Onde estava sua música?

As denúncias de pedofilia não o abandonavam, como também sua crise financeira. Foi quando, no início de 2009, o astro deu a notícia de que faria uma turnê em Londres, comemorando seus 50 anos de idade. Apesar da queda, os ingressos esgotaram-se em poucos dias, acalorando o meio musical. Só que os shows foram adiados algumas vezes, irritando quem havia comprado. Começavam, novamente, os rumores. O que de fato só foi explicado após sua morte, é que ele tomava fortes doses de morfina, medicamento utilizado em cirurgias. O rei do *pop* não conseguia executar o seu maravilhoso *moonwalk*.

Frustrado por seu declínio musical e pela nova maneira com que as pessoas o viam, Michael, não era tão clicado pelos *paparazzi*. Foi visto algumas vezes em uma cadeira de rodas ou comprando objetos de luxo, mas nada que lembrasse o artista dos anos 80. O destino o empurrava para o fim da vida. E eis que a *ação trágica*, tão comentada por Aristóteles, chega ao novo mito contemporâneo. No dia 25 de Junho de 2009, foi oficializada a morte de Michael Jackson por parada cardíaca. E o mundo lembrou-se do herói e do seu transcendental talento. Morria o homem, nascia o mito.

A vida conflituosa de Michael voltava à tona, em reportagens especiais, em entrevistas de amigos, parentes, fãs e celebridades. Dentre estas, a cantora Madonna, outro marco da música *pop*, em premiação do *MTV Video Music Awards* falou da importância do astro na construção do entretenimento e de sua própria carreira:

(...) Aquela música tinha uma inexplicável camada de magia que não apenas nos fazia querer dançar, mas nos fazia acreditar que podíamos voar, ousar nos sonhos, fazer tudo o que era possível. Pois isso é o que os heróis podem fazer, e Michael Jackson foi um herói (MADONNA, 2009)⁵.

Michael Jackson foi um herói, pois os heróis não são perfeitos. Segundo Aristóteles eles estabelecem uma relação com a própria existência do ser humano. “Precisa ter no essencial os nossos traços, devendo mesmo ser um pouco melhor do que somos em média.” (LESKY, 1976, p. 35).

A sua trágica vida será lembrada, mas sem nunca termos certeza realmente da essência do homem Michael, sem nunca descobrir a verdade de sua morte, de sua infância, das relações de abuso sexual e de como sua *hybris* o levou ao tormento. Porém, a música, o talento, a dança e a generosidade construíram o mito da música.

(...)
Nas minhas provações
E minhas tribulações
Pelas nossas dúvidas
E frustrações
Na minha violência
Na minha turbulência
Pelo meu medo
E minhas confissões
Na minha angústia e minha dor
Pela minha alegria e meu pesar
Na promessa de um
Outro amanhã
Nunca deixarei você partir
Pois você está no meu coração para sempre.

(JACKSON, Michael)⁶

Foi o fim de uma vida que, de uma certa forma, já não existia mais, o seu corpo apenas demonstrava o caráter da ruína e da *hybris* de um homem vulnerável, mas que viverá para sempre na vida de pessoas que buscam sempre o reconhecimento e que caem diante de suas limitações. Para o artista Michael Jackson não havia limitações, o seu talento o elevou à glória eterna. E o preço foi a tragédia.

⁵Discurso de Madonna ao *MTV Video Music Awards 2009*.

⁶Tradução da música *Will You be There* de Michael Jackson.

Conclusão

A temática deste artigo abordou os aspectos trágicos das celebridades, visto que, não conseguem estabelecer um equilíbrio entre o sucesso e a sua vida privada. Nisso, surge o espectador que muitas vezes também é vítima do próprio conflito interno, porém não são avaliados pelo coletivo pós-moderno. Suscita, assim, neste público a catarse, que foi aprimorada pelo conceito aristotélico. E como não sentir compaixão por Michael Jackson? Eternizado pelo *thriller* e pelo próprio *thriller* em que conduziu sua vida, estão os meios de comunicação, que nos mostraram o assombro de sua degradação.

Dentre outros ditames de Aristóteles (1979), que permitiu a inserção do rei do *pop* na tragédia literária, estão a *situação trágica*, *altura da queda* e a *hybris* que norteou a compreensão deste herói de fim trágico. A relação íntima da tragédia grega com este caracterizou a importância deste gênero literário tão antigo, mas de profundidade atual. Ou seja, desde o princípio da civilização, havia a necessidade de “pensar” e exteriorizar os conflitos que naufragam o ser humano, e a tragédia os proporcionou através da catarse.

Esta catarse ainda existe neste mundo midiático e muitas vezes cruel. E os artistas demonstram o choque entre forças antagônicas, características dos heróis gregos. Esta relação entre o herói grego e a celebridade delineou todo o entendimento desta discussão e proporcionou um diálogo entre o primórdio da sociedade até o conceito pós-modernista.

Artistas como Lady Di, Elvis Presley e, principalmente Michael Jackson foram analisados a partir deste conceito de tragédia e possibilitou mostrar que após as respectivas mortes havia uma força e um talento que continuaria infinitamente: transformaram-se em mitos. A morte era o começo da eternidade.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1979.
- COELHO, Teixeira. *Moderno Pós-moderno*. São Paulo: L&PM, 1986.
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- JACKSON, Michael. *Living with Michael Jackson*: depoimento. Entrevistador: Martin Bashir. Reino Unido: ITV, 2003. Versão brasileira: AXN, 30 jun. 2009.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*. São Paulo: Ática, 2006.
- LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- MATOS, Luis (Ed.). *Tributo a Michael Jackson*: LIFE. São Paulo: Universo dos livros, 2009.

PAIVA, Flávio. Mortos rendem lucro. *Coletiva.net*, dez. 2002. Disponível em: <http://www.coletiva.net/site/coluna_detalhe.php?idColuna=356>. Acesso em: 9 out. 2009.

SÓFOCLES. Édipo Rei. *In*: JACKSON, W. M.(Org.). *Teatro grego*. São Paulo: Brasileira, 1964.

Artigo recebido em: 05 mar. 2010

Aceito em: 22 jul. 2010